

# O direito de Moscou e o dever de Washington

(Especial para o "Correio do Povo")

3/7/58.

GUSTAVO CORÇÃO

A rádio de Moscou, naquele dia, noticiava o resultado do jogo de football entre a equipe brasileira e a soviética, tentando explicar a inesperada e incompreensível vitória dos jogadores individualistas; depois, com voz inexpressiva, como se anunciasse um episódio destituído de maior importância, o locutor publicou a notícia da execução de dois chefes rebeldes na Hungria; depois, foi irradiado um programa de músicas de dança. Hoje sabemos que o ex-Primeiro Ministro Imre Nagy foi persuadido a deixar a Embaixada da Iugoslávia, onde estava asilado, sob a promessa de ter a vida respeitada. O general Malleter foi preso quando se apresentava como enviado dos revolucionários para discutir as condições da retirada do Exército Vermelho do território húngaro. A despeito de tudo, foram executados os dois chefes revolucionários. E basta isto, creio eu, para convencer os que ainda carecem de tal demonstração — o general Lott, por exemplo — que não podemos levar muito a sério os bons propósitos de Kruschew e a suposta humanização dos comunistas. O Levitá é o mesmo; mudou a pele mas conservou as mesmas visceras e a mesma alma. E não se diga que a frieza cruel dessas execuções de patriotas se explica pela necessidade que tem a União Soviética de defender o regime. A Hungria já estava vencida, esmagada, espesinhada. A União Soviética já consolidara seu domínio sobre os satélites políticos. O homicídio não se explica satisfatoriamente pela finalidade da segurança, pelo imperativo da salvação do regime que ainda seria inadmissível mas de certo modo atenuaria um pouco, ou pelo menos motivaria o fuzilamento dos patriotas húngaros. Não. A lógica não deve ser procurada na linha das causas finais. A lógica está na própria natureza do regime, na sua constituição interna, no dinamismo de sua estrutura; e se há imperativo de matar, é mais um imperativo funcional do que de segurança. Um regime baseado na ofensa da natureza humana e no desprezo da liberdade tem um estrutural sadismo que, de tempos em tempos, precisa de sangue, sangue de patriotas. O regime comunista produz a crueldade e o homicídio, como a galinha põe ovos e a laranjeira dá laranjas. É uma forma monstruosa que há de produzir operações monstruosas. E quem acredita em humanização do regime, antes de ver as provas essenciais dessa volta à normalidade, que só podem ser dadas pelo respeito à liberdade de opinião e pelo senso de reciprocidade, demonstra uma esquisitice e suspeita credulidade. Engana-se porque quer enganar-se. Ou porque no substrato de seu psiquismo nutre um sadismo que entra em ressonância com o outro, o poderoso, que pode assassinar patriotas e torturar sacerdotes. Houve tempo em que era possível ter simpatia pelo mundo comunista, que nos aparecia como uma justa vingança do mundo contra as iniquidades da sociedade liberal capitalista. O amor pela justiça, pela causa dos humildes, levou muita gente a procurar a nova bandeira que parecia sinal de congraçamento universal. Hoje tornou-se impossível tamanha ingenuidade. O movimento continua a angariar adeptos, mas não é mais em nome da justiça, não é mais em defesa dos oprimidos que os neófitos de hoje recebem o batismo vermelho. O que agora atrai é o maciço poder da União Soviética, é a brutalidade do regime

bem sucedido, bem plantado, bem instalado em cima dos povos oprimidos. O que encanta é justamente o desembaraço que tem o Partido, de amordaçar, de punir, de assassinar. E talvez se possa dizer, em termos de publicidade e de promoção de venda, que a execução de Nagy e de Malleter foi bom negócio para a União Soviética. Uma parte do mundo gritará. A outra parte sentirá o estranho prazer da confirmação de sua especial dogmática. Onde decal o brio de ser homem, o gosto de ser livre, e a alegria de ser justo, cresce em igual proporção o atrativo da força bruta e o fascínio do ilimitado poder político. Um homem de alma sã não pode ver com bons olhos a concentração de poder; não pode ser apreciador de valores volumétricos e físicos; não pode ser reverente de farós. A alma altiva aceita a hierarquia da sociedade, por saber que é boa e que tem conformidade com a natureza das coisas; mas sua tendência será sempre a de procurar uma distribuição, uma mitigação do poder. Ao contrário, os ressentidos, os deformados, serão adoradores da brutalidade. Seja ela geral, universal, cósmica; assim estendida para menos, no ressentido, o particular quinhão de injustiça. Triste mundo! Nunca imaginaram os fatores da sociedade essencialmente egoísta que tão longe iriam as consequências de seus erros. Cá estamos atolados neles. E o que mais espanta, nesse conjunto de disparates, é que sejam os comunistas, aqui em nossa terra, os mais ativos propagandistas do nacionalismo brasileiro. A mesma espécie de gente, que na Hungria mata os patriotas, dá no Brasil os paladinos da independência econômica. E os mesmos simpatizantes, que brilham os dentes quando se trata dos lucros da Ligth ou da Standard Oil, ficam impassíveis diante do sofrimento do povo húngaro e da inolação dos seus patriotas. E os estudantes, que tanto ruído fizeram a propósito de latas americanas, acham naturalíssimo o assassinato dos húngaros que tem a suprema originalidade de quererem ser húngaros. A falta do senso de reciprocidade como observou Chesterton, é uma das características essenciais do Levitá totalitário. Será também o traço principal de seus simpatizantes. E é essa falta de reciprocidade, essa incapacidade de entender o patriotismo alheio, que caracteriza a polimórfica corrente chamada nacionalista. O mundo chegou a esta encruzilhada de erros porque durante quatro séculos foi ensinada, pelos maiores centros da cultura mundial, a filosofia que essencializa a inimizade entre os homens e oficializa o egoísmo. O equilíbrio da sociedade liberal foi procurado no jogo policiado das concupiscências, ficando por conta da tal mão invisível de Adam Smith as obras de progresso geral e de geral concordância. Agora assistimos, estarecidos, a uma nova fase da mesma doutrina. Ensina-se, prega-se, enaltece-se a filosofia que essencializa a inimizade entre as nações. Combate-se o abuso cometido pelos trustes e pelas quadrilhas internacionais adotando o mesmo decálogo. E em tal atmosfera já não admira muito que passe despercebida dos novos idealistas, das novas gerações nacionalistas, a execução de dois loucos que na Hungria acalentaram sonhos de liberdade e justiça.

—oOo—

Nesse meio tempo, discute-se aqui a revisão da política pan-americana. Todos acham que os Estados Unidos precisam e devem ajudar os países subdesenvolvidos da América do Sul. Eu também acho. Concordo inteiramente com quem apresentar o problema não só em termos de oportunidade e de pragmática conveniência, mas também em termos de justiça. Não professo a doutrina das riquezas estanques. Riqueza nenhuma pertence a ninguém de modo absoluto. O fato de ser hoje o país mais rico do mundo dá aos Estados Unidos uma responsabilidade que certa-

mente não estava no programa dos banqueiros de Wall Street. Uma responsabilidade mundial, uma missão de dimensões planetárias. O drama do mundo no presente século reside na tremenda condenação de poder que a guerra trouxe para os dois hemisférios, e no fato de coincidir o fenômeno com a imaturidade de um e com a monstruosidade do outro. Os Estados Unidos têm demonstrado abundantemente uma trágica incapacidade de se desincumbirem da tremenda responsabilidade que a riqueza lhes trouxe. Ninguém, de boa fé, poderá negar esse fato; como ninguém em boa doutrina, poderá negar o direito, sim o direito que as nações subdesenvolvidas tem ao auxílio da mais rica. Mas esse direito tem uma correlata responsabilidade de cada país que reclamam o auxílio; a obrigação de provar, diante do concerto das nações, que tudo fez, internamente, para resolver bem o problema de seu povo. O brasileiro tem direito de reclamar o auxílio americano; mas só pode tornar efetiva essa exigência depois de demonstrar exigência ainda maior pela boa aplicação de seus próprios recursos. Quem é insensível ao mau governo interno, aos caprichos e aos desmandos dos responsáveis nacionais, não pode, sem grave injustiça, sem monstruosa deformação moral, queixar-se da pobreza e reclamar mesadas dos países maiores. Ainda que julgue ter sido o fator externo a causa principal de suas internas deficiências, não pode o verdadeiro patriota concentrar seu fervor nas recriminações que se dirigem para fora. Sua dignidade exige um cuidado maior para os costumes de sua própria casa; mesmo porque só é possível sustentar aquela teoria que deita toda a culpa de nosso subdesenvolvimento sobre o estrangeiro depois de provar que nós, no que nos estava ao alcance, demos boas contas de nossa soberania. Acho um pouco difícil atribuir aos banqueiros de Wall Street a carta que o Prefeito Negro de Lima, recentemente publicou; acho difícil explicar o caso Galdeano Sanchez em termos de trustes e cartéis; creio também que não houve nenhuma intervenção de potência estrangeira na nomeação de um moço de dezenove anos para um cartório com renda de centenas de milhares de cruzeiros por mês; não é também, que eu saiba, por imposição dos trustes que se nomeiam para a direção dos serviços públicos os rapazes que correram atrás do candidato Juscelino. Ora, esses e outros fatos bastam, de sobra, para explicar o descalabro de qualquer país do mundo. Reclamemos pois o auxílio externo; mas primeiro reclamemos de nós mesmos um pouco mais de decência e de juízo.

—oOo—

Em resumo: Moscou tem o direito de matar, mas Washington tem o poder de ajudar.